



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicaofreitas.df@diariosassociados.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

ATO DE CORAGEM

A cidade que hoje esperneia espontânea e desorganizadamente para evitar que seja engolida por projetos arquitetônicos fora de hora e lugar, pela ganância do mercado imobiliário e por quem quer se aproveitar da mística e da renda per capita de Brasília, essa cidade que, cambaleante, tenta sobreviver à contínua e in-

sistente tentativa de transformá-la numa cidade qualquer, essa cidade atraiu os olhos e o espanto de mundo e meio quando foi construída.

Depois de Wim Wenders ter dito, em recente visita ao Brasil, que Brasília era sua paixão de adolescência, que em seu quarto de garoto tinha fotos da inaudita cidade em construção, a *Folha de S. Paulo* revelou, na edição de domingo passado, que o italiano Alberto Moravia visitou Brasília em 1960 e sobre ela escreveu um texto publicado no jornal onde trabalhava, o *Corriere della Sera*, de Milão.

Moravia tinha então 53 anos, por-

tanto da mesma geração de Niemeyer, Lucio Costa e Juscelino. Passou a vida sendo perseguido ora por Mussolini ora pelo Vaticano. Trabalhou com Pabolini, pra dar uma ideia de como pensava o italiano. Quando visitou Brasília, já era escritor consagrado.

O excerto publicado pela *Folha* já é suficiente para perceber que Moravia, ao conhecer Brasília, também foi tomado pelo assombro. "Do alto, a vontade que deu origem a Brasília vem à tona com clareza: criar uma capital abstrata para um país enorme cuja unidade também é um milagre de abstração linguística e étnica; pe-

netrar com a força do Estado no interior selvagem do Brasil, depois que as incursões individuais não deram grandes resultados; arrancar a classe dirigente brasileira das cidades costeiras preguiçosas e barrocas e obrigá-la a retomar com os meios modernos a marcha dos antigos colonizadores em direção ao interior".

O italiano percebe que Brasília é a morada da solidão. E que ela nasceu (também) da força da arquitetura brasileira. "Antes de qualquer outra coisa, o Brasil é um país de arquitetos e Brasília é, antes de tudo, um experimento arquitetônico. Mas, para entender

Brasília, é preciso, em nossa opinião, referir-se ao Brasil colonial da Bahia e das outras cidades barrocas do litoral". E compara o "barroco delirante das igrejas coloniais ao "gigantismo não menos exaltado de Brasília".

Moravia acusa a ausência de "casas humildes e ruas humildes que em outros lugares são o testemunho da presença de uma humanidade talvez pouco ambiciosa, mas fiel e enraizada". E conclui que a cidade é "um ato de coragem pioneira; o símbolo de uma vontade de conquista; a demonstração de uma possibilidade de longo prazo".